

DF exporta lixo reutilizável

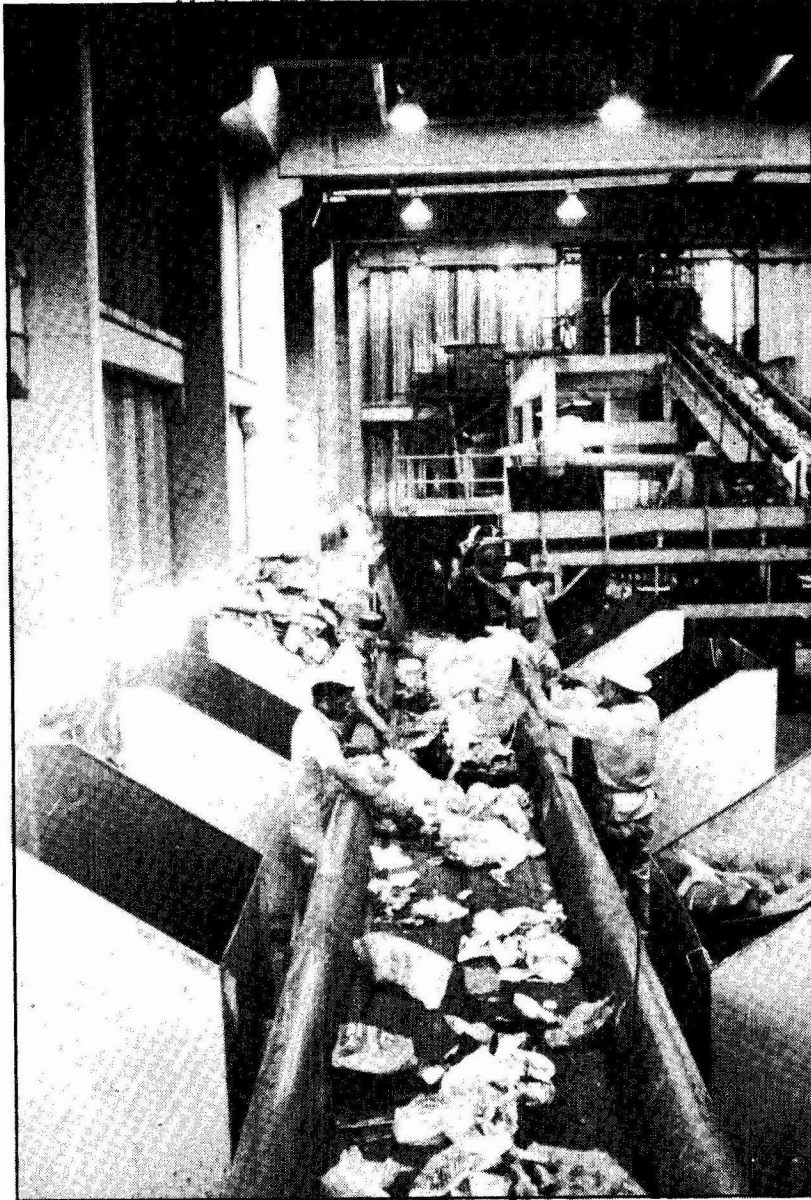
O material reutilizável retirado do lixo produzido em Brasília é quase todo exportado para outros Estados porque não existem, no DF, indústrias que processem matérias-primas como latas, alumínio, vidros e cobre. A expectativa tanto de quem revende este material, quanto do engenheiro-chefe da Usina de Tratamento de Lixo, Cláudio Rachid Dias, é de que a implantação do Programa de Industrialização do DF incentive o surgimento de indústrias que utilizem esse material, pelo menos até agora considerado muito barato.

Muitos empresários de Brasília já começaram a perceber, segundo o engenheiro-chefe da Usina de Tratamento de Lixo, Cláudio Rachid Dias, que o negócio proporciona um bom retorno de investimentos. Por isso, assegura, "muitos ficam doidos quando se abre uma concorrência". Em agosto acontecerá uma licitação pública para venda de um material que, pelo preço mínimo, está avaliado em NCz\$ 195 mil. Serão vendidas 500 toneladas de plástico, 2 mil 500 de lata prensada, 47 de ferro, cinco de alumínio, uma de cobre, 350 de vidro, 200 de papel e 470 de papelão. A última licitação realizada pelo SLU, através de leilão, aconteceu em junho do ano passado e teve a participação de mais de 50 empresas. É possível, conforme Cláudio Alves, que esse número agora dobre.

As três maiores firmas de Brasília que trabalham com sucata são a Planalto Comércio de Metais Ltda, Novo Rio Papéis e Serradão Comércio de Plásticos. A Novo Rio industrializa o papel, além de eventualmente revender sucata. As duas outras apenas revendem o material reciclável. Sua utilização em Brasília fica condicionada, segundo Cláudio Dias, aos preços do mercado. Se as pequenas firmas da cidade fazem proposta compensadora, muitas vezes acabam comprando das intermediárias. A maior parte da sucata, contudo, é exportada para outros Estados.

Burocracia

Em um ano Brasília produziu uma sucata de 2 mil 300 toneladas de lata, o melhor índice do padrão de consumo do morador do Plano Piloto onde a maior parte desse



Muito do que sai da lata do lixo vira lucro para as empresas

material é coletado. Considerado um dos materiais recicláveis de maior interesse por parte da indústria, a lata prensada é revendida principalmente para o Estado de São Paulo, onde se produzem novos recipientes para bebidas e alimentos.

Como é próprio de uma cidade burocrática, Brasília também usa e descarta muito papel. Quase 700 toneladas de papel e papelão esta-

rão sendo disputadas pelos participantes da concorrência e principalmente pela Novo Rio Papéis, a indústria local que também produz papel. Embora rico, o lixo de Brasília reflete ainda uma outra característica da cidade: produz poucos tipos de sucata, enquanto as cidades industrializadas oferecem uma grande variedade de materiais ferrosos e plásticos.

Negócio difícil para iniciantes

Embora seja possível, é muito difícil ao cidadão comum entrar no negócio do material reciclável. A dificuldade maior, segundo o candidato, César Alves, 22 anos, é o cacife do concorrente, geralmente pessoas jurídicas que não deixam a mais remota chance aos compradores individuais de sucata. "Os representantes de indústrias como a Novo Rio Papéis chegam lá e arrebatam tudo", diz. Ele pretende comprar lata e papel para revender em São Paulo.

De todo modo César Alves resolveu arriscar, fazendo ontem um depósito de 10% do valor do preço mínimo do material. O capital inicial para quem quer revender sucata é significativo e o lucro dos que chegam lá não é imediato, avalia. "Mesmo assim vale a pena, por ser uma forma de engrenar em alguma coisa quando ainda se está jovem".

Um caminhão (que já possui) e a contratação de mão-de-obra para empacotar a mercadoria seriam as maiores despesas iniciais, além, naturalmente, do capital necessário à compra do material reciclado. Contra ele há a disposição das indústrias de arrematar a mercadoria mesmo que "sob pena de inflacionar o mercado".

Para o representante da Planalto Comércio de Metais Ltda, essa é a única saída das firmas que, em caso contrário, ficariam sem matéria-prima para trabalhar. Ele entende que a possibilidade de participação de pessoas físicas em concorrências como essa pode trazer a evasão de tributos para o GDF, assim como desconsidera as vantagens que uma empresa formalmente constituída assegura à economia local. Além das pessoas físicas acha também que deveriam ser excluídas da concorrência as indústrias de outras regiões do País.

Nenhuma das duas restrições, no entanto, têm amparo legal. Segundo o engenheiro-chefe da Usina Central de Tratamento de Lixo, Cláudio Rachid Dias, não se pode impedir a participação seja de pessoa física ou de empresa de qualquer parte do País.